

Rastros dos corpos e suas projeções: um relato de experiência sobre o processo de criação

Traces of bodies and their projections: a report of experience about the creation process"

Matheus Saraçol Folha¹

Diego Dos Santos Soares²

Carlos Eduardo De Oliveira Prado³

Nádia Da Cruz Senna⁴

Resumo: A experiência advinda do trabalho prático/poético é decorrente de um exercício visual provocativo e coletivo que problematizou corpos e seus rastros nos espaços sendo produzido e apresentado através de tecnologias. Realizado na primavera de 2017, seguimos por uma metodologia e proposta dos processos criativos fundamentadas nas poéticas dos componentes do grupo, a discussão faz uso dos autores: Carlo Guinzburg, Edith Derdyk e Éliane Chiron para um rápido embasamento. A partir disso, apresentamos a potência do trabalho em conjunto, sua possibilidade de criação única a partir de dispositivos tecnológicos contemporâneos, como a câmera digital e programa de edição e criação de imagem. Mostramos as questões do tempo passado, apresentado através do registro, e das possibilidades de um futuro ficcional, surgidos a partir do desenho e sua natural característica projetual.

Palavras-chave: Corpo, Índice, Rastro, Memória, Projeção.

Abstract: *The experience derived from the practical/poetic work is due to a provocative and collective visual exercise that problematized bodies and their traces in the spaces being produced and presented through technologies. In the spring of 2017, we followed a methodology and proposal of the creative processes based on the poetics of the components of the group, the discussion makes use of the authors: Carlos Guinzburg, Edith Derdyk and Éliane Chiron for a quick foundation. From this we present the power of working together, its possibility of unique creation from contemporary technological devices, like the digital camera and program of editing and creation of image. We show the questions of the past time, presented through the record, and the possibilities of a fictional future, arising from the drawing and its natural design characteristic.*

Keywords: Body, Index, Trail, Memory, Projection.

¹ Universidade Federal de Pelotas.

² Universidade Federal de Pelotas.

³ Universidade Federal de Pelotas.

⁴ Universidade Federal de Pelotas.

Introdução

O trabalho prático/poético constitui uma narrativa ficcional sobre rastros de presenças nos espaços da Biblioteca Pública de Pelotas e praça Coronel Pedro Osório. O exercício integrou atividades realizadas em grupo e vinculadas à disciplina O Desenho do Corpo o Corpo que Desenha, do PPGAV da UFPel. O processo se inicia com a captura das imagens nos locais, elaboração de desenhos, edição, construção de narrativa textual e apresentação performática. Como foco da visibilidade desta produção destacamos a presença/ausência do corpo nos espaços da cidade, pensado através de suas marcas, sombras, restos, gestos e índices que evocam passagens e modos de ser e estar no mundo. Relatamos nas seguintes páginas o trabalho em grupo que apresenta um modo de desdobramento conjunto das pesquisas dos participantes, mantendo-a como linha de costura no processo de criação. Apresentamos registro e texto ficcional produzido a partir da experiência e observação das imagens editadas.

Metodologia

O grupo parte da proposição sobre questões dos corpos em ausência nos espaços da cidade e seus modos de apresentação com uso de aparatos tecnológicos (câmeras de celular, câmeras profissionais, softwares e demais materiais digitais).

O grupo encontrou-se na biblioteca pública de Pelotas, realizou registros internos do espaço utilizando uma câmera fotográfica, cômodos, resíduos, livros e demais indicações de presença/ausência, após deslocou-se ao espaço da Praça Coronel Pedro Osório. O surgimento do “tema” deve-se ao encontro de restos de borracha sobre uma das mesas da biblioteca, livros desalinhados nas prateleiras e desgastes das mesas de xadrez na praça. Após o registro, compartilhamos as fotos por meio de um drive, dois membros do grupo se responsabilizaram pela seleção de algumas das fotografias.

Para esclarecer, dividiremos o processo em três etapas:

Primeira etapa: O segundo autor, partindo das fotografias, entra no processo esquematizando o desenho da figura humana sobre as imagens da tela fazendo uso de uma sacola plástica. Esta etapa se liga ao processo deste pesquisador\professor\artista, pois interliga características dos corpos genéricos das bonecas que levantam questões identitárias e artísticas no seu foco de pesquisa. Onde o usuário pode customizá-la como bem desejar, assemelhando-se a um toy art⁵.



Imagem 01: Esboços. Fonte: Acervo dos Autores.

⁵ Toy Art são bonecos padronizados produzidos em série, onde a pintura e a agregação de partes ficam por conta da imaginação do proprietário.

Segunda etapa: Seguindo a customização do esboço, o primeiro criou dois Aliquids⁶, após o término de edição das imagens através de um software que consistiu em desenhos sobrepostos nas fotografias. Assim surgindo possíveis narrativas imagéticas de interpretação variada. Após, foram enviadas para o terceiro autor sem nenhuma indicação de como construir sua etapa. Esta escolha se deu para reforçar a abertura interpretativa na relação espectador obra que o primeiro autor propõe com seu trabalho, permitindo que o experienciador possa criar a própria narrativa sobre o trabalho.

Terceira etapa: O terceiro membro ao receber as imagens estabeleceu uma sequência entre elas montando a narrativa ficcional e poética, tal narrativa norteou a performance posterior do grupo. Assim criando um vínculo com a pesquisa em teatro e contação de histórias do terceiro membro. A ação consistia na passagem das imagens em um projetor, durante este processo o terceiro autor narrava e os demais participantes do trio performavam de acordo com o texto lido.

Embasamentos Teóricos

Citamos aqui Carlo Ginzburg que entre suas questões trata também da representação como um jogo alternante entre presença e ausência. Ginzburg evoca através da reflexão sobre os espelhos uma relação de representação sobre uma superfície. Tal reflexão é potencializada pelo meio digital de produção de imagens, traz consigo uma realidade que não é total e absoluta.

Nas ciências humanas fala-se muito, e há muito tempo de "representação", algo que se deve, sem dúvidas, à ambigüidade do termo. Por um lado, a "representação" faz às vezes da realidade representada e, portanto, sugere presença. Mas em contraposição poderia ser facilmente invertida: no primeiro caso, a representação é presente, ainda que como sucedâneo; no segundo ela acaba remetendo por contraste, a realidade ausente que pretende representar. (GINZBURG, 2001, p. 85).

É na ausência que percebemos a falta do que foi presente, preenchendo os espaços em suas atividades, aproximando a uma peça funcional para que ative o movimento e percepção temporal dos locais. A representação tem um papel importante para a imaginação, indica modos de preencher e interpretar os espaços que se encontram com a falta de um corpo físico e móvel. O desenho da figura humana, apresentado de forma distorcida neste trabalho, é um meio de representação e personificação de presença, é simulacro de corpos humanos assim como a imagem do espelho, a cópia em madeira do cadáver do rei, os rostos nas moedas antigas, a tapeçaria medieval e as paredes dos templos egípcios. Enquanto gesto, o desenho cria relações com o tempo do fazer.

Gestos e indícios – presença e ausência no rastro

A presença do desenho vinculado a fotografia reforça questões da passagem de dois corpos, os que estavam na biblioteca, indicados pelo registro do ambiente, e o que modifica a visão sobre esse lugar, o artista, deixando o rastro pelo fazer da linha. Desta forma a ação sobre o

⁶ Nomes das formas de interpretações fechadas, indicadas pela sua figuratividade, que o artista/pesquisador produz, vindo do latim o termo apresenta como tradução "aquilo" ou "aquela coisa".

índice, e ele próprio, evocam uma presença corporal, móvel, como diz Edith Derdyk “A presença corporal confirma o ser, o estar e o fazer do homem no mundo.” (1990, p. 23). Ou seja, as ações de ausência e seu registro dentro do processo de criação reforçam as passagens dos corpos, tanto das pessoas que acionam o espaço da biblioteca pública pelotense quanto pelos participantes e construtores deste trabalho, estes que fazem um recorte e modificam as percepções visuais sobre o local e suas narrativas.

O desenho neste trabalho pretende trazer suas questões de ação, o rastro do gesto, e com isso se debruça sobre alguns termos tratados pela artista e pesquisadora Eliane Chiron ao restaurar uma de suas obras, em análise ao processo ela se dá conta de uma espécie de *empréstimo* (2004), assim como *tensão* (2004), estes que nos auxiliam a pensar parte do desenho dentro deste trabalho.

Nos debruçaremos rapidamente sobre os termos de Chiron. O *empréstimo* traz questões do fazer e a memória, trata das relações de lembranças aos momentos vividos e ao que está sendo desenhado, uma teia de relações que traz em seus fios cheiros, texturas, sons e sabores unidos ao fazer processo de criação. No caso deste *empréstimo* no presente relato, o desenho tem seu formato norteado pela figura humana, contudo, ao “vazar” para além do molde, criado pelo segundo autor, o primeiro autor traz suas questões de memória, vistas como potentes em sua pesquisa, como possibilidade de tratar a realidade através da ficção. Traz nas linhas personagens que “bebem” diretamente em um imaginário infantil dos personagens de animações, histórias em quadrinhos, filmes de alienígenas entre outras formas de ficções fantásticas. Com isso o desenho reconfigura o registro de um espaço distante, indicial, de um recorte do real, o traz para o campo da ficção, o torna um lugar possível em um mundo imaginário. A partir disto entramos no segundo termo de Chiron, a *tensão* (2004). O gesto como *tensão* seria, então, uma força (“energia”) que age inconscientemente de modo a deslocar, isto é a distanciar e a reatar. O gesto se desdobra no tempo da instauração da obra, que é também retroação dos gestos antigos (CHIRON, 2004, p. 21).

Neste trecho, Chiron nos resume o que seria a *tensão* ao qual nos serve para demonstrar as questões de ir e vir da linha que “costuram” os espaços e tempos deslocados do real, tornados em índices e que agora abitam e permitem ser abitados por momentos, criaturas e seres ficcionais, não só por parte de quem causa as linhas sobre a fotografia, mas também por quem visualiza o trabalho e se permite “viajar” sobre o apresentado.

Texto poético e parte do ensaio

Os corpos em ausência. Peça (?) em ato único. Primavera de 2017

Prólogo

Uma sala de aula com artistas, professores e esquisitões. Todos esses, futuros mestres acompanhados dos professores. A definição vale pra todos. O projetor provavelmente está com aquela incômoda tela azul u já com a área de trabalho do computador. Em seguida, a tela azul dá lugar as imagens trazidas pelo trio. Para isso, levanta-se o primeiro artista, apaga as luzes da sala, mexe o mouse, maximiza as imagens e as deixa passando de modo automático.

Ator/artista ou narração: O Começo do começo

É isso que apresentamos

De um caminho curto e prazeroso

Que juntos, os três trilhamos.

A Jornada do trio se inicia
Pensando em propostas distintas
Unir o trabalho do contador de histórias
Com os mestres dos pincéis, lápis e tintas.

E num encontro no centro da cidade
Os três corpos pareciam dialogar
Mesmo sem uma palavra dizer
Esboçavam o que agora podem ver.

Com a câmera, lápis e caderninho.
Passos ora lentos, ora acelerados.
Um desejo conjunto pelas ausências.
Transformou o não dito em primeiro resultado.

Com esboços em nanquim e desenho digital
Seguiu-se então a criação
Foram feitas as personagens que ocupam o espaço
E feita também à narração.

Cena 01 - as imagens e os personagens

Com as imagens passando, levanta um ator - o mesmo ou outro - e dá play na narração do áudio da cena um. Na ausência do áudio o artista lê, sentado mesmo, o texto. A ausência do corpo na convenção social de estar a frente do grupo, de pé, com postura representativa, também é uma forma de compor tudo aquilo que foi pensado pelos autores. Rubrica pode ou não ser aceita. Nesse momento, será. Por que sim.

Ator/artista ou narração:

Como dito antes do prólogo
São rastros deixados naqueles espaços
Que contemplamos e completamos
Com histórias e alguns traços

Poderosos, alegóricos, místicos
Dois personagens se apresentam
Corpos mutantes imaginários
Pelo traço leve se sustentam

O primeiro de saias, contemplativo
Aquele que está na poltrona
Está num lugar de calma
Mas com uma áurea brincalhona

Em cada busca e em cada lugar
O personagem de saia se mostra compenetrado
Vibrante e bastante polido
Sabe nunca estar errado.

O corpo que ele é
cheio de traços e delineados
Não sei se hoje se destacaria
Ou também seria marginalizado.

Lutaria igual por espaço
Mas teria talvez empatia
Pela Fluidez do seu corpo tecido
E pelo ar de Sabedoria.

Já de orelhas e joelhos pontiagudos
O segundo personagem parece displicente
Com um ar de quem se arrisca, dá a cara a tapa
E tem um coração valente.

Quando se vê, parece agressivo
É um elemento de defesa
De quem faz parte de uma minoria
Se mostra caçador pra não ser a presa.
Ambos são construção
Um corpo solúvel e mutante
Que se adéqua e se transforma.
Que é tempo longo e é distante.

Cena 03 - o fim

As imagens permanecem reprisando, dialogando com o texto narrado/escutado/lido. Os próprios autores se questionam “quem corpos são esses? Quem ocupa esses espaços? quem esses espaços ocupam?”. Dúvida instaurada no trio e, provavelmente, nos artistas, professores, esquisitões. Futuros mestres acompanhados dos professores. Um dos artistas do grupo se levanta, fecha a aba com as imagens. Acende as luzes. Fim



Figura 1. Recorte 1. Fonte: Acervo dos Autores. 2017.

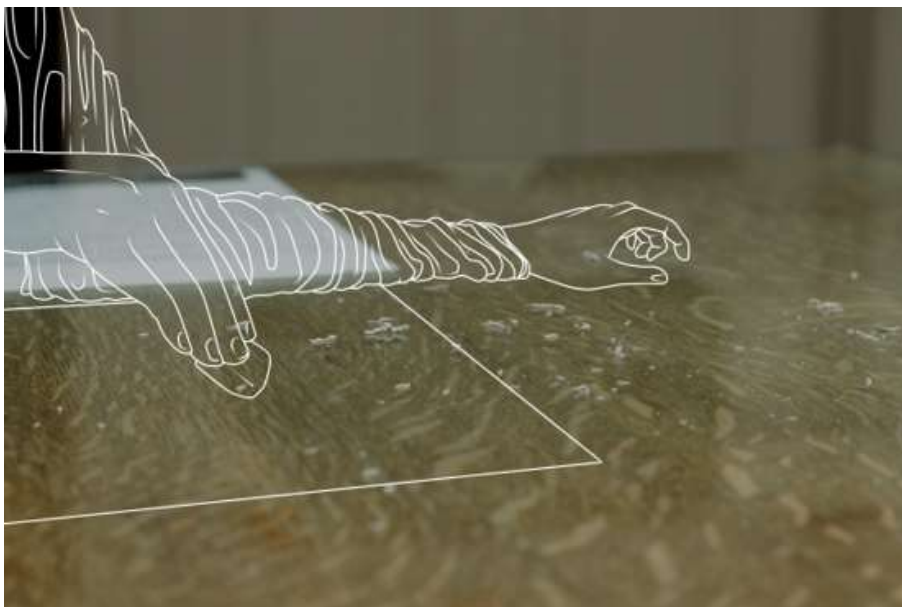


Figura 2. Recorte 3. Fonte: Acervo dos Autores. 2017



Figura 3. Recorte 5. Fonte: Acervo dos Autores. 2017.

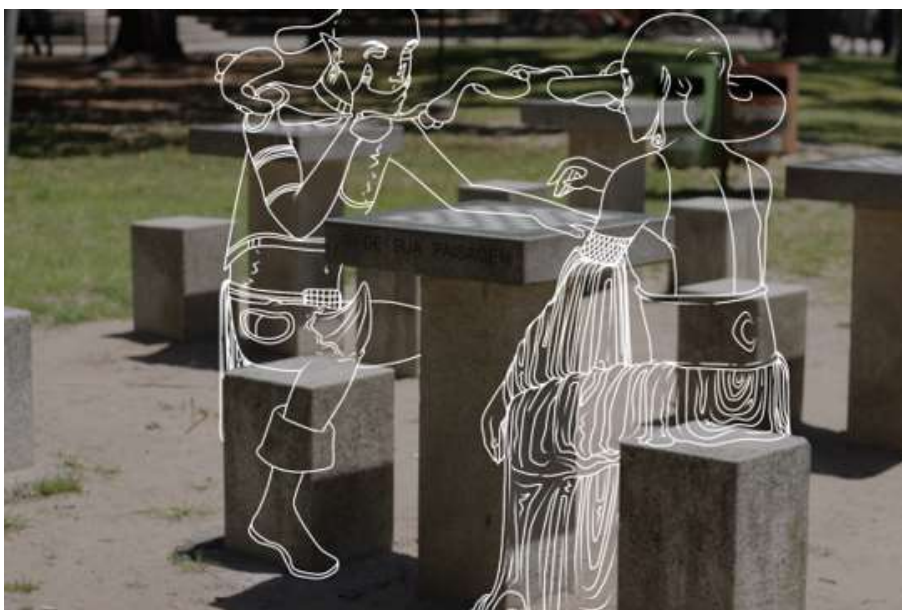


Figura 4. Recorte 8. Fonte: Acervo dos Autores. 2017.

Conclusão

Entrar em contato com os locais fotografados, percebendo-os com um outro olhar, minucioso, investigativo e curioso, trouxe novas experiências. Percebemos a potência dos rastros dos corpos, dos modos com que o ser humano traz no espaço seus momentos temporais de permanência e desaparecimento, dos indícios.

Partindo do que foi deixado não existe apenas uma evocação do passado, mas também uma projeção ao futuro ou a novas possibilidades de mundos, um paradoxo. Os Rastros na Biblioteca Pública de Pelotas e na praça Coronel Pedro Osório são parte do que encontramos diari-

amente, deslocamentos do tempo trazidos por atravessamentos do espaço que demonstram possibilidades de ir e vir em memórias e ser lançado por projeções. Sendo assim encontramos como experiência a possibilidade do resquício, da presença do passado, como provocador para pensar uma potência, uma iminência de acontecimentos.

Referências

CHIRON, Éliane. **Anatomia do gesto criador em uma prática do desenho**. Revista Porto Arte: Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, v. 23, n. 38, 2018.

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

GUINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**: Nove Reflexões sobre a distância. Tradução: Eduardo Brandão. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Recebido em 31 de outubro de 2018.

Aprovado em 28 de dezembro de 2018.